

THX 1138: entre homens, máquinas e drogas

Euler David de Siqueira

Cientista social pelo IFCH/UERJ, mestre e doutor em Sociologia pelo IFCS/UFRJ, é professor adjunto do ICHL da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Introdução

Nos anos 80 e 90, filmes como *Blade Runner*, *O extermínador do futuro*, *13º andar* e *Matrix* ocuparam boa parte da atenção de pesquisadores das mais diferentes áreas das ciências sociais ao mesmo tempo em que chamaram a atenção do público mundial a respeito das relações entre homens, mente, vida, máquinas e tecnologia¹.

Antes disso, no entanto, ainda nos anos 70, um filme de ficção científica se tornou paradigmático ao tentar antecipar o futuro de sociedades baseadas na ciência e tecnologia. Temas como o controle do corpo, da mente, das emoções e da subjetividade – assim como o desenvolvimento das tecnologias da informação e do superdimensionamento do poder Estatal – desfilaram diante dos espectadores de *THX 1138*.

Primeiro filme de ficção científica de George Lucas, foi escrito por Lucas e Walter Murch e teve Francis Ford Coppola como produtor executivo. O elenco incluiu Robert Duval (THX 1138), Maggie McOmie (LUH 3417), Donald Pleasence (SEN 5241) e Don Pedro Colley (SRT). Em uma época como a contemporânea, em que os significados se tornam super-efêmeros, escrever sobre *THX 1138* não somente permite estabelecer

pontes com filmes de ficção científica mais recentes, como também tratar de aspectos da memória e da tradição como cultura.

Homens, máquinas e drogas

Em um futuro não muito distante, a liberdade e a individualidade não teriam lugar em uma cidade subterrânea superpovoada e ensurdecadora. Na cidade panóptico – parafraseando *Vigiar e punir*, de Michel Foucault – *THX 1138* narra a história de um trabalhador controlador *magnum* que realiza funções mecânicas e repetitivas de grande periculosidade. Em seu trabalho, a respiração, os batimentos cardíacos, as ondas cerebrais e algumas substâncias químicas, como a adrenalina, são monitorados a procura de alterações que informem alguma instabilidade ou desprogramação.

A rotina de THX 1138 é alterada quando sua companheira de quarto, LUH 3417, substitui suas drogas terapêuticas de uso diário. A partir de então, seu condicionamento se altera, seus gestos deixam, pouco a pouco, de ser mecânicos e repetitivos enquanto sua concentração diminui. Com a supressão das drogas, THX 1138 e LUH 3417 passam a manter um relacionamento amoroso e sexual, transgredindo, assim, as leis da cidade. Ambos têm consciência de que estão burlando leis e que a punição é severa. Os problemas de THX e LUH aumentam quando um outro cidadão não ajustado, SEN 5241, ao eliminar seu companheiro de quarto, consegue afastar LUH e THX visando a ter esse último como seu novo companheiro.

Com a perda da concentração, os supervisores de THX percebem que seus batimentos cardíacos e suas taxas de adrenalina estão fora dos padrões. Os supervisores bloqueiam suas atividades cerebrais a partir de uma sala de comando quando o personagem principal quase provoca um grave acidente. THX é preso e conduzido por policiais autômatos a uma sala enquanto aguarda seu julgamento. A acusação é clara: deixar de tomar suas drogas, perversões sexuais e transgressões.

Em um último encontro com LUH, THX descobre que a parceira está grávida. Eles se amam mais uma vez e são definitivamente separados. Depois disso, THX é julgado, classificado como portador de desequilíbrio químico incurável e impróprio à vida social; recebe o veredito de um computador que o condena ao recondicionamento e à internação.

Determinado a fugir com LUH para fora da “concha”, THX empreende um plano para escapar da cidade. Ao sair da prisão com a ajuda de SRT (um holograma)² –, descobre que LUH fora destruída e que suas iniciais agora pertencem ao seu feto, que se encontra em uma espécie de útero artificial.

Em uma fantástica cena de perseguição, THX e SRT fogem das autoridades depois de roubar dois veículos automotores. SRT é capturado ao não conseguir pilotar o automóvel. THX prossegue em sua fuga rumo ao exterior da cidade, sendo perseguido por dois policiais autômatos. A poucos metros de deixar a cidade, a captura de THX é suspensa quando seu orçamento é ultrapassado em mais de 6%. Na subida rumo ao exterior da cidade, um dos autômatos ainda tenta dissuadir THX de sua fuga dizendo que não há vida na superfície e que ele deve ficar calmo e retornar, afinal, nada de mal lhe acontecerá. THX continua sua escalada rumo ao topo e, na cena final, chega à superfície, onde um dia ensolarado o deixa perplexo e imóvel. O filme se encerra com THX espantado, na superfície, com alguns pássaros voando e um sol radiante se pondo.

142

Sociedade x Indivíduo

Em *THX 1138*, a ordem social é imposta por uma série de mecanismos de controle baseados na ciência e na tecnologia. Agentes policiais autômatos, bem mais altos do que os seres humanos, sistemas de monitoramento por imagens e sons, caixas de coleta de denúncias e drogas reguladoras dos sentimentos e das emoções têm um papel central na integração dos indivíduos ao sistema. No futuro vislumbrado no filme, ciência e tecnologia são utilizadas como poderosos instrumentos de dominação, conformismo e alienação.

A vida social cotidiana em *THX 1138* é regulada em seus mínimos detalhes. Reações automáticas e mecânicas, pré-programadas, constituem a base das relações sociais. A todo momento, homens e mulheres têm seus comportamentos, tanto no trabalho, quanto em seus quartos, monitorados por sofisticados sistemas de informação prontos a reintegrar os indivíduos em caso de transgressão da ordem estabelecida. O filme faz lembrar *1984*, de George Orwell. Temas como a Tele-Tela e o Big Brother aparecem em cena. O filme não deixa dúvidas de que a tecnologia da informação pode ser

usada no controle do plano público e do privado, assim como a ciência, na produção de respostas mecânicas e automáticas de indivíduos dopados e alienados.

Potencial perturbador da razão humana, o corpo, assim como suas emoções e paixões, torna-se alvo da intervenção médico-científica. O comportamento socialmente esperado é mantido à base de um conjunto de procedimentos médicos que lançam mão de poderosas drogas terapêuticas. Aqueles que não se alinham terapeuticamente sofrem as sanções do Estado e das massas, como são classificados os habitantes da cidade subterrânea.

Em *THX*, o sexo foi abolido, algo também já visto em outras películas como *1984*, *Frankenstein* e no recente *Matrix*. Sua prática é punida e reprimida com a ajuda de aparatos tecnológicos informacionais, além de drogas inibidoras da libido e do desejo sexual. Se isso já não fosse o bastante, ataques de consciência culpada do próprio transgressor, o que nos faz pensar em uma leitura mais do que durkheimiana de uma consciência coletiva, podem levar o sujeito a buscar apoio e conforto em uma espécie de confessionário computadorizado.

143

As massas: consumo, religião e trabalho como formas de alienação

No filme, a dimensão moral estatal, a religião, o mercado e a consciência dos sujeitos parecem ter se fundido em uma unidade. Consumo e trabalho, assim como as pessoas, são massificados. As pessoas são classificadas por letras e números como as placas de nossos automóveis. A indumentária dos habitantes, totalmente branca, além de idêntica para todos, sugere a ausência de traços e características de individualidade. *THX 1138* esboça uma sociedade cujos homens e mulheres, vivendo em um ambiente hermeticamente fechado, se encontram ausentes de contato com todo o tipo de diferença. Não há nós e eles, apenas nós. Não só a diferença é anulada e rejeitada de forma violenta, como é mantida à distância através do isolamento subterrâneo da cidade. Na cidade não há negros nem orientais, somente pessoas brancas. Os negros apenas aparecem nos televisores, sob a forma de hologramas como SRT.

Apesar de todos os aparatos tecnológicos de sedação e controle dos indivíduos, *THX* mostra que o mais simples dos homens pode se revoltar contra o sistema e recobrar sua consciência. O desfecho, com a fuga do

personagem principal, assinala que sempre será possível acreditar na liberdade e, assim, na humanidade presente em cada um de nós, a despeito do que nos reserva o futuro.

Referências

THX 1138. Direção: George Lucas. Produção: Lawrence Sturhahn e Francis Ford Coppola. Intérpretes: Robert Duval; Donald Pleasence; Maggie McOmie; Don Pedro Colley; Ian Wolfe. Roteiro: George Lucas e Walter Murch, baseado na estória de George Lucas. Estados Unidos, American Zoetrope, 1971. 95 min, sonorizado, colorido.

Notas

¹ Na verdade, desde o começo do século XX, filmes como *Metrópolis* e *Frankenstein* já colocavam na pauta de discussão essas mesmas relações.

² SRT se diz um holograma virtual, mas que quer ser real. Em uma sala repleta de tubos com embriões em desenvolvimento, THX dialoga com o holograma. Segundo o holograma, os homens não perceberam as alterações no meio ambiente por se darem de forma lenta e gradual. O holograma era do escritório das visões e das realidades geradas eletricamente e afirma ter ficado muito tempo preso em um mesmo circuito.